

Uma voz libertária na revista *Careta*: Domingos Ribeiro Filho e a crônica como *literatura útil*

Angela Maria Roberti Martins

Universidade do Estado do Rio de Janeiro
Rio de Janeiro - Rio de Janeiro - Brasil
angelaroberti@uol.com.br

Mariana da Silva Rodrigues de Lima

Universidade do Estado do Rio de Janeiro
Rio de Janeiro - Rio de Janeiro - Brasil
marianadelima.historia@gmail.com

Resumo: O presente artigo aborda a literatura libertária produzida por Domingos Ribeiro Filho (1875-1942) na revista humorística *Careta*. Este escritor, além de ter produzido textos para a imprensa libertária e operária e também para a grande imprensa, possui uma vasta obra literária que integra romances, contos, críticas teatrais, crônicas e outros tipos de textos. Sua colaboração na revista *Careta* como articulista e posteriormente como seu editor foi variada e extensa. Em diversos de seus escritos publicados na revista percebem-se críticas à política e aos costumes da época, bem como um alinhamento com ideais libertários e projeções de formas mais livres de vida.

Palavras-chave: Literatura libertária. Revista *Careta*. Crônica. Domingos Ribeiro Filho.

Introdução

O presente artigo decorre do projeto de pesquisa: “*Uma caretinha para todos*”: *Escritos de Domingos Ribeiro Filho nas páginas da revista Careta*, o qual se encontra em desenvolvimento com fomento da Fundação Carlos Chagas Filho de Apoio à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro (FAPERJ). Entre os principais objetivos do projeto estão a coleta e a organização dos escritos do autor em questão na revista *Careta*, que possuem variedade de temas e gêneros literários. Entre eles, há crônicas, projetos de dicionários, críticas teatrais, editoriais, frases com pequenos pensamentos e textos curtos. Em boa parte da sua produção na revista, o escritor libertário buscava expor sua visão sobre os acontecimentos da época e, por vezes, apontar para novas formas de viver mais livres.

Ao contemplar a produção literária do escritor na revista *Careta*, o projeto situa-se em um campo de diálogo entre a História e a Literatura. A literatura permite ao

historiador o acesso ao imaginário, às sensibilidades e às formas de ver a realidade de outro tempo (PESAVENTO, 2006, p. 3,7). Ainda que possam ser vistos apenas como ficção, os textos literários são oriundos de uma negociação ou transação entre a liberdade criativa literária do escritor e os discursos e/ou práticas do mundo social (CHARTIER, 2000, p. 197). Desse modo, a linguagem literária registra representações de realidades físicas, sociais e emocionais de uma dada época, apresentando as interpretações que o escritor faz das mesmas (PROENÇA FILHO, 1986, p. 7-15).

Portanto, a análise dos textos literários de Domingos Ribeiro Filho permite compreender a visão que o escritor tinha sobre elementos e acontecimentos de sua época. Ademais, possibilita descobrir como seus textos se articulavam com os discursos e práticas presentes na sociedade na qual estava inserido. Por meio dos escritos do autor, pode-se também acessar o seu imaginário, seu sistema de representações sobre o mundo (PESAVENTO, 2006, p. 2), proporcionando o conhecimento de seu perfil literário e de suas convicções políticas.

No entanto, para uma melhor articulação da compreensão sobre o autor e sua obra, é necessário contextualizar historicamente ambos. A literatura é constituída de um contexto e de um texto. De modo que, o historiador, ao se voltar para a literatura como fonte histórica, procura enxergar como ela se relaciona com o mundo e com a realidade, buscando entender as circunstâncias sociais da escrita (NUNES, 2011, p. 128-129). Para isto, é preciso situar o autor em seu espaço temporal, bem como conhecer sua trajetória de vida, perscrutando os caminhos que ele seguiu, a fim de compreender sua subjetividade. E como se articulava a relação e a correlação do autor com o mundo social (NUNES, 2011, p. 127).

O ambiente: Rio de Janeiro entre agitação e modernização

Domingos Antônio Alves Ribeiro Filho nasceu na cidade de Macaé (RJ) em 16 de março de 1875 e faleceu em 6 de julho de 1942. Foi funcionário público, jornalista, escritor, cronista e militante libertário (MARTINS, 2011, p. 4). Ao longo de seus 67 anos de vida presenciou diversas mudanças e permanências no cenário político, social, cultural e econômico da cidade do Rio de Janeiro. O escritor nasceu e cresceu em um ambiente familiar propício a trocas intelectuais e debates político-sociais. Domingos Antonio Alves Ribeiro, seu pai, foi um livre pensador por algum tempo e leitor de *Os Sertões* de

Euclides da Cunha e *Canaã* de Graça Aranha. O pai de Ribeiro Filho também tinha certo interesse pela história nacional e pelo povo menos favorecido.

Na sua juventude, Ribeiro Filho defendeu o mandato de Floriano Peixoto, chegando inclusive a pegar em armas por conta da Revolta da Armada em 1893. No começo do século XX passou a integrar o grupo de intelectuais que aderiu ou simpatizou com as ideias anarquistas (MARTINS; KAUSS, 2016, p. 20). Nesse início do século XX, o Rio de Janeiro estava mergulhado no ambiente da *Belle Époque*, período compreendido, grosso modo, entre 1900 e 1920. A cidade, que era a capital federal na época, foi vista como um polo irradiador da cultura para as outras regiões do país. O Rio de Janeiro recebeu fluxos de correntes migratórias nacionais e estrangeiras, houve a chegada da eletricidade, do automóvel, do telefone, dos *boulevards*, do calçamento nas ruas, do teatro, do cinematógrafo entre outras novidades (GRALHA, 2008, p. 52-53).

O cenário da cidade passou por mudanças, em que, com as reformas urbanas, se almejava o ingresso na modernidade. No entanto, a *Belle Époque* tropical do Rio de Janeiro, assim como a europeia, foi marcada por contradições. O processo de institucionalização do regime republicano se tornou conturbado e agitado. Ademais, o começo do século foi marcado pelas primeiras greves operárias (GUIMARÃES, 2013, p. 164). A política das duas primeiras décadas do século XX foi marcada pelo liberalismo excludente, poderia votar apenas quem fosse alfabetizado, e esse critério não incluía as mulheres.

No entanto, a maioria da população brasileira vivia em rincões rurais e a taxa de analfabetismo era grande (MENDONÇA, 2016, p. 307). Nas cidades, os movimentos operário e anarquista eram reforçados com a chegada de imigrantes, os quais se deparavam com as péssimas condições de vida e de trabalho às quais os trabalhadores – homens, mulheres e até crianças – estavam submetidos. Diante desse cenário, encontraram ambiente propício para disseminar suas ideias e práticas, difundindo sua militância (MARTINS; KAUSS, 2016, p. 18).

O movimento operário brasileiro enfrentou a oposição das classes dominantes que o reduzia a uma “questão de polícia” e não de política, reprimindo-o por meio da violência sistemática e de leis, como, por exemplo, a lei de expulsão dos estrangeiros. O movimento teve seu auge entre 1917 e 1920, acompanhando as agitações que se deram durante e logo após a Primeira Guerra Mundial, marcado pelo aumento do número de greves e protestos variados nas ruas. A vertente mais preponderante no movimento foi

a anarquista até a emergência do Partido Comunista em 1922 (MENDONÇA, 2016, p. 311-312), embora pareça haver controvérsias quanto a isso.

No Rio de Janeiro, o movimento anarquista esteve presente de várias formas. Atuava em greves, comícios, centros culturais, conferências. E na organização de grupos e atividades culturais como: festas, festivais artísticos, teatro social e rodas de estudos. Foi um movimento que deu grande importância à cultura, buscando difundir nos operários uma consciência emancipada que se tornaria visível em novos modos de pensar, agir e viver. Usavam bastante da imprensa e da literatura para divulgarem suas ideias e criticarem a sociedade. Publicaram também jornais, panfletos, boletins e livros.

Em meio a tantas práticas e manifestações, a literatura também foi vista como um braço da luta. Não por todos, evidentemente, mas alguns militantes, a exemplo de Piotr Kropotkin e Juan Mir y Mir, entre outros, defenderam os “[...] serviços da literatura em prol dos mais sublimes ideais da humanidade [...]”¹ (MIR Y MIR, s/d, p. 8, tradução nossa), fomentando “[...] o que se deseja ver triunfante em um futuro próximo [...]”² (MIR Y MIR, 1974, p. 10, tradução nossa). É nessa perspectiva que se pode compreender a produção literária de Domingos Ribeiro Filho, uma vez que também atribuiu à literatura uma função social, tornando-a um meio para a difusão dos ideais que encampava (MARTINS; KAUSS, 2016, p. 19-20).

O autor: Domingos Ribeiro Filho

Domingos Ribeiro Filho, além de ter sido jornalista³, escritor e militante libertário foi também funcionário público. Ocupou o cargo de amanuense⁴ na Secretaria de Guerra, como consta no *Almanak Henault*⁵. Seguiu o caminho que era comum aos intelectuais independentes da época: o de incorporação à burocracia através de um cargo público (LINS, 2010, p. 30). Ingressou provavelmente no serviço público entre 1897 e 1899. Foi colega de repartição de Afonso Henriques de Lima Barreto, com o qual

¹ No original: “[...] servicios de la literatura em pro de las más sublimes ideales de la humanidad [...]”.

² No original: “[...] o que se desea ver triunfante em um porvenir próximo [...]”.

³ Domingos Ribeiro Filho começa como repórter ainda no início do século XX e em 1923 consegue uma carteira de jornalista pela Associação Brasileira de Imprensa. Cf. O BRASIL, 18 de maio de 1923, p. 4.

⁴ Funcionário público que copiava/registrou documentos e ocupava-se da correspondência. Informação disponível em: <http://www.aulete.com.br/amanuense>. Acesso em: 8 ago. 2019.

⁵ Na sua primeira edição de 1909 na página 40 há uma listagem com os funcionários que faziam parte da Secretaria de Guerra no Ministério da Guerra, entre outras informações.

desenvolveu grande amizade⁶ (SANTOS, 2007, p. 21-22). Foram colegas de boemia e frequentadores do Café Papagaio no qual faziam parte do grupo “Esplendor dos Amanuenses”. Ribeiro Filho foi também um dos principais colaboradores do semanário *A Estação Theatral* (MARTINS, 2011, p. 4-5).

Trabalhou intensamente na imprensa da época, em folhas operárias e libertárias⁷, humorísticas⁸, literárias⁹ e teatrais. Colaborou também na grande imprensa, no jornal *Correio da Manhã* no qual publicou alguns contos. Foi secretário da revista *A Avenida*, na qual participaram Bastos Tigre e o caricaturista Gil, a publicação começou a circular em 1903 e tem seu fim em 1905 (AQUINO, 2011, p. 129; SODRÉ, 1966, p. 341). Colaborou com Lima Barreto na revista *Floreal*, que foi criada em 1907 e que durou apenas quatro números. Os redatores contribuía com 10 ou 20 mil réis para sustentá-la. Em seu terceiro número a revista recebeu o elogio de José Veríssimo – importante crítico literário da época (AQUINO, 2011, p. 129; SODRÉ, 1966, p. 346-347).

Além de sua vasta atuação na imprensa, Ribeiro Filho também publicou romances. Entre eles estão *Sê Feliz!* (1903), *O Cravo Vermelho* (1907)¹⁰, *Vãs Torturas* (1911), *Uma paixão de mulher* (1913) assinado com o pseudônimo feminino de Cecília Mariz, *Infel e sincero* (1913) e *Miserere* (1919) (SANTOS, 2007, p. 21; AQUINO, 2011, p. 129). Nestes romances buscava apresentar e espriar as ideias e os ideais libertários que para ele e muitos outros eram necessários à transformação da situação a que estavam submetidos os menos favorecidos (MARTINS; KAUSS, 2016, p. 19-20). Em alguns dos seus romances, observa-se todo um esforço no sentido de trabalhar pela transformação dos padrões morais, dos perfis de gênero e das relações entre o masculino e o feminino, pressupondo novas subjetividades, atreladas à produção de um novo modo de existência, que fosse mais livre e mais feliz para ambos os sexos.

⁶ Os dois são descritos como “[...] duas figuras de destaque real e de valor [...]” no “[...] nosso pequeno rebelde meio literário [...]” em um artigo presente na revista *Fon-Fon!* Cf. FON-FON! SEMANARIO ALEGRE, POLITICO, CRITICO E ESFUSIANTE, 29 de abril de 1911, p. 24.

⁷ Colaborou com *A Lanterna*, *A Guerra Social*, *A Vida*, *Na Barricada*, *A Plebe*, *Spartacus*, a revista *Renascença* entre outras. Escreveu também para o *Boletim da Aliança Anarquista do Rio de Janeiro* em abril de 1918 Cf. MARTINS, 2011, p. 4.

⁸ Como as revistas: *Fon-Fon!*, *A Maçã*, *D. Quixote*, *Careta* e *O Degas*.

⁹ Como *Floreal*, *Novíssima* e *Boletim de Ariel: Mensario Critico-Bibliographico*.

¹⁰ Na seção “Bilhetes” da revista *Fon-Fon* a leitura do romance é recomendada a uma mulher Cf. FON-FON! SEMANARIO ALEGRE, POLITICO, CRITICO E ESFUSIANTE, 13 de abril de 1907, p. 67. Lima Barreto comenta o romance em um artigo na revista *Floreal* Cf. SANTOS, 2007, p. 21. Este romance e *Vãs Torturas* foram também comentados posteriormente por Astrojildo Pereira no jornal *A Guerra Social* em 1911 Cf. MARTINS, 2011, p. 6.

Astrojildo Pereira, por ocasião do terceiro ano da morte do amigo Ribeiro Filho, descreveu o companheiro de luta, em uma espécie de obituário publicado no jornal *Tribuna Popular*, no qual retrata Ribeiro Filho como um sujeito de baixa estatura, feio e de grande nariz. Menciona também que o amigo possuía habilidade para conversar e escrever, que gostava de usar sarcasmos e que era muito cordial com os companheiros. Também afirma que uma das partes mais importantes da obra de Ribeiro Filho encontrava-se publicada na revista *Careta*:

A sua vocação mais legítima, penso eu que foi a de panfletário. Sua capacidade de trabalho era enorme, sua verve combativa inesgotável, e ele sabia manejar a língua com rara virtuosidade, em que se adosavam por igual, a limpidez, a flexibilidade e o vigor. Neste sentido, o melhor que ele produziu – melhor e em muito maior quantidade – se encontra nas páginas da revista **Careta**, de que foi o principal redator durante 17 anos, e onde além da crônica inicial, sempre assinada com o próprio nome ou com o pseudônimo de Dierre Effe, se multiplicava em numerosas sessões e notas avulsas. PEREIRA, Astrojildo. Domingos Ribeiro Filho. (TRIBUNA POPULAR, 15 de julho de 1945, p. 10 - grifo do autor).

Dierre Effe e a *Careta*: a trajetória do escritor libertário na revista

No período da Primeira República, inicia-se o processo da comunicação de massa moderna no Brasil. Neste campo, as revistas tiveram enorme importância e impacto social, refletindo a vida cotidiana nas suas páginas (VELLOSO, 2010, p. 43). Muitos intelectuais, artistas e literatos perceberam o seu caráter estratégico e passaram a se envolver com a dinâmica editorial. Alguns se tornaram proprietários de revistas, outros atuaram na sua direção ou edição e alguns foram contribuintes das mesmas oferecendo crônicas e matérias sobre o cotidiano (VELLOSO, 2010, p. 44; LAMARÃO, 2012, p. 132).

Nesse início do século XX, o trabalho jornalístico ainda estava bastante concentrado nas mãos dos homens de letras. Dessa forma, havia uma forte ligação entre a literatura e a imprensa. Essa presença dos literatos na imprensa proporcionava uma extensão de sua escrita literária para além dos livros. Assim, as revistas ilustradas se tornaram um espaço de atuação dos homens de letras (NOGUEIRA, 2010, p. 62; VALENTE JÚNIOR, 2015, p. 47; SODRÉ, 1966, p. 340). Por meio delas, alguns literatos e caricaturistas expressavam suas visões da realidade, escrevendo sobre a sociedade com um olhar crítico, permeado pelo humor e pela sátira.

Denunciavam em seus escritos as mazelas sociais e as contradições da modernidade, utilizando as revistas ilustradas humorísticas. Esse movimento foi

caracterizado pela historiadora Mônica Pimenta Velloso como uma face do modernismo no Rio de Janeiro. Para a historiadora, tal movimento não pode ser entendido apenas como uma manifestação da Semana de Arte Moderna paulista em 1922. Além disso, este foi um momento de confluência de ideias que já estavam sendo desenvolvidas desde o começo do século. A historiadora afirma que os anos anteriores a 1922 não podem ser interpretados como “pré-modernismo” ou como uma época de “vazio cultural” (VELLOSO, 1995, p. 269-270).

O movimento modernista de expressão carioca se dividiu em duas manifestações: de um lado, as revistas literárias como *Estética* (1924/1925) e *Revista do Brasil* (1926), que expressavam suas ideias sobre a brasilidade e a modernidade. De outro, as revistas humorísticas ilustradas semanais como *O Malho*, *Fon-Fon!*, *Para Todos* e também *Careta*, as quais se destinavam ao grande público procurando inserir a ideia do moderno na vida cotidiana (VELLOSO, 2010, p.50). Estas revistas humorísticas possuíam uma variedade de temas em suas páginas. Discutiam as questões do dia a dia carioca e problemas da nacionalidade, partindo de uma ênfase satírico-humorística e construindo representações da cultura brasileira.

O imaginário humorístico, portanto, se articulava com a reflexão sobre a modernidade brasileira. Um grupo de intelectuais do Rio de Janeiro teve papel importante na construção dessa reflexão baseada no humor. Nele se incluem Bastos Tigre, Emílio de Menezes, José do Patrocínio, Raul Pederneiras, J. Carlos, Kalixto, Storn, Carlos Leonir (Gil), Falstaff, Crispim do Amaral, João Foca, Arthur Lucas, Lima Barreto e Domingos Ribeiro Filho (VELLOSO, 1995, p. 270-271; 2010, p. 87; 2015, p. 69). Dessa forma, Domingos Ribeiro Filho, “um misto de boêmio e revolucionário” (BARBOSA, 1952, p. 124), integrou o grupo boêmio que se reunia no Café Papagaio. Foi amigo de Bastos Tigre e Lima Barreto e se inseriu entre os intelectuais que teceram representações da modernidade nas páginas das revistas ilustradas. Sua atuação foi intensa na revista *Careta*, da qual foi articulista e editor por vários anos.

A revista *Careta* começou a circular em 1908 e foi fundada por Jorge Schmidt¹¹ que também foi o criador da revista *Kosmos*. Com a *Careta*, Schmidt tinha o

¹¹Jorge Schmidt dirigiu a revista de 1908 a 1935, ano de seu falecimento. Após sua morte, seu filho Roberto Schmidt se torna o editor-proprietário da revista até seu falecimento em 1960, neste ano a revista sai de circulação por falta de investimentos e orientação intelectual Cf. NOGUEIRA, 2010, p. 68. Em 1964, a revista é lançada novamente sob outra direção com publicações quinzenais, contando com a participação de colaboradores da primeira fase de existência da revista como Berilo Neves e Peregrino Júnior.

objetivo de alcançar mais leitores, interessando todas as classes; por isso, a revista buscava ser mais popular e de leitura divertida. Com projeto editorial e comercial diferente da *Kosmos*, que era mais dispendiosa, a *Careta* tornou-se muito popular, sendo encontrada em engraxates, barbeiros, consultórios e outros espaços (SODRÉ, 1966, p. 345-346; NOGUEIRA, 2010, p. 69).

Conforme o verbete sobre a revista *Careta* no *Dicionário Histórico-Biográfico da Primeira República*, ela apresentava excelente padrão gráfico, com capa colorida, formato médio de 30 cm de comprimento por 20 cm de largura. Usava muitas ilustrações e fotografias, seu conteúdo era eclético e mundano, portando, em suas páginas, crônicas, poesias, artigos de opinião, notícias, piadas, concursos, críticas e sátiras sobre a política e os costumes da época, além de colunismo social. A revista, ao articular texto e imagem, foi uma das mais importantes expressões da modernidade artística e intelectual carioca nas primeiras décadas do século XX. Circulou até novembro de 1960, completando 52 anos de existência.

A participação de Domingos Ribeiro Filho na revista inicia-se ainda nos anos da *Belle Époque*, em 1911. O escritor colaborava em uma coluna de crítica teatral – *A semana teatral* – que, em 28 de outubro de 1911, foi renomeada para *Pelos Theatros*. O escritor contribuiu com essa seção de crítica teatral da *Careta* até 1º de junho de 1912 e, nela, comentava as principais atrações do teatro e do cinema do momento, além de abordar o cenário cultural da época. Opôs-se à censura teatral promovida por Pio Benedicto Ottoni em conjunto com a polícia¹² e, em alguns comentários, deixava transparecer o ideário que esposava.¹³ Ambas as colunas sobre teatro eram assinadas com o pseudônimo Conde de Luxo em Burgo, um trocadilho sutilmente crítico e irônico. Nas revistas semanais ilustradas, como a *Careta*, recorria-se muito ao uso de pseudônimos (VELLOSO, 2006, p. 7).

Ribeiro Filho teve sua obra *Vãs Torturas* (1911) mencionada na revista em duas edições. A revista descreve o escritor como *paradoxal*, tanto na sua escrita literária

¹²Cf. CARETA, 6 de abril de 1912, p. 18.

¹³Ao comentar sobre a censura feita por Pio Benedicto Ottoni e a polícia, o escritor critica a burguesia, a moral católica e defende o teatro. Na coluna de 30 de março de 1912, Ribeiro Filho critica a burguesia: "Descia eu do bonde, calmamente, na minha qualidade de sujeito feliz, isto é, de sujeito que tem todas as condições preliminares para ser feliz, embora toda a burguesia reaccionaria se colligue para me desgraçar, quando um accidente me fez atropellar com a bengala, as pernas de um cavalheiro assás respeitavel". Cf. CARETA, 30 de março de 1912, p. 30.

quanto na sua vida, *bizarro e impertinente*.¹⁴ Revela que o pseudônimo Conde de Luxo em Burgo pertence a ele:

Vãs Torturas

O mais paradoxal dos nossos escritores, paradoxal da sua literatura a sua vida, é sem dúvida alguma o bizarro e por vezes impertinente Domingos Ribeiro Filho, cuja maneira de ver as coisas os nossos leitores que leem o Conde de Luxo em Burgo conhecem. Há cerca de dois anos Domingos publicou um romance brilhante e revolucionário – O Cravo Vermelho e apesar da imprensa tê-lo condenado ao silêncio, não desanimou e agora aparece com Vãs Torturas. (CARETA, 23 de dezembro de 1911, p.27).

Domingos Ribeiro Filho, que com tanto brilho escreve os paradoxos publicados nesta revista sob o pseudônimo de Conde de Luxo em Burgo, está obtendo um lindo sucesso de livraria com o seu romance Vãs Torturas (CARETA, 30 de dezembro de 1911, p. 11).

A participação do escritor na revista não se restringiu somente à crítica teatral. Ribeiro Filho publicou o conto “Cartas de Amor (Graciosa contribuição para melhoramento das raças e subsídio à timidez dos egressos definitivos)” publicado em diversas partes por várias edições da revista¹⁵, assinando-as com o pseudônimo Dierre Effe. O conto recebeu um comentário de Leal de Souza, o qual foi publicado na revista também¹⁶. Publicou a crônica “Um homem de bem” assinada com seu nome em 8 de junho de 1912, seu último escrito nesta primeira fase de contribuição na revista.

Após um intervalo de sete anos, Ribeiro Filho retornou à revista em outubro de 1919. Nessa segunda fase de contribuição, teve as funções de articulista e editor da *Careta* e permaneceu na publicação até novembro de 1934 (SANTOS, 2007, p. 51). Durante esse longo período, publicou na revista vários tipos de texto: crônicas, editoriais, frases com pequenos pensamentos e verbetes para projetos de dicionários. Ademais, entre os anos de 1928 e 1929, Ribeiro Filho publica, ainda nela, versões e traduções feitas por ele mesmo de poemas e contos russos.¹⁷

Assinou seus escritos na *Careta* com diferentes pseudônimos, com seu nome e abreviações. Entre suas assinaturas, estão: D.; D.R.F.; D.R.; R. e R.F. Usou também de pseudônimos e variações destes, como: Pierre Effe, Erre, Pierrot Pierre Effe, Derefê, De Erre, D. Effe, D. Dierre, Dierre, Dierre F.; Erre F.; D. Erre Effe, Dierre Efe, Riefe, E.

¹⁴Sobre a crítica elaborada pelos contemporâneos de Ribeiro Filho acerca dos seus dois primeiros romances, *O Cravo Vermelho* (1907) e *Vãs Torturas* (1911) conferir MARTINS, 2019. pp. 210-241.

¹⁵O conto foi publicado nos números 201 a 203, 205, 206 e 208 a 209 da revista.

¹⁶Leal de Souza afirma acompanhar a publicação do conto na revista. Classifica as “Cartas de Amor” como revolucionárias e tece algumas críticas. No final, diz ser um admirador afetuoso do escritor. Cf. CARETA, 20 de abril de 1912, p. 27.

¹⁷Entre os autores traduzidos por Domingos Ribeiro Filho estão: A. P. Tchekov, A. Kuprine, B. I. Toboliakov, Rutchei Cinn e Voskressenie.

Riefe (também encontrado como E. Rieffé), Nagaika¹⁸ (visto também como Nagaica e abreviação N.) usado a partir de 1928, Bogatyr¹⁹ (encontrado também como Bogatir) usado a partir de 1930, Big Boy (aparecendo também como Bigue Boi e Bigue Bói) e O Reporteiro (também encontrado como Reporteiro, sem o artigo).

O escritor teve várias colunas na revista: “No mundo das contradições” (1919-1920), “Uma caretinha para todos” (1923), “Do outro sexo” (1929-1931) na qual abordava temas relacionados às mulheres²⁰. Publicou alguns contos na revista, como: “Conto de natal” (1919), “Humanidade (conto para crianças)” (1921), “O último toque de clarim (conto bacchico)” (1921), “Humanidade (conto para barbados)” (1930) e “Um futuro ministro – conto à moda” (1930). A partir de 11 de outubro de 1924, começa a assinar os editoriais da revista – a coluna “Looping the Loop” – permanecendo até 17 de novembro de 1934. Entre esses editoriais, há alguns sem a assinatura do autor, cuja autoria não se pode confirmar.

De 1931 a 1934, publica sessões contendo frases com pequenos pensamentos que tiveram diversos títulos, como: “Legendas sem desenho”, “Pinceladas de iodo”, “Pontos de Cadeira”, “Ladrilhos e Mosaicos”, “Miolo de pão”, “Cacos de telha”, “Notas Marginais”, “Tiras de papel”, “A tres por duas”, “Ellas por ellas”, “Peias e laços”, “Peti-Poas” etc. Em 1932, inicia a publicação de seus projetos de dicionários. O primeiro foi “Verbos de significação feminina”²¹ com verbetes que apresentavam o que significavam certos verbos para as mulheres. Dessa forma, o escritor tecia representações sobre o imaginário feminino a partir desses verbetes que foram publicados em janeiro de 1932 em poucos números da revista.

¹⁸Tipo de chicote utilizado pelos cossacos russos. Informação disponível em: <https://www.merriam-webster.com/dictionary/nagaika>. Acesso em: 1 ago. 2019. É interessante perceber que Ribeiro Filho começa a usar esse pseudônimo no mesmo ano em que está publicando traduções de contos e poemas russos na revista.

¹⁹O bogatyr é um personagem do folclore russo, caracterizando um dos seus grupos de heróis. A tarefa dos bogatyr era proteger a Rússia de invasores, especialmente os tártaros. Informações disponíveis em: <https://www.britannica.com/art/bogatyr> Acesso em: 1 ago. 2019.

²⁰Antes de começar a publicar a coluna, no texto “O caso feminino” (CARETA, 7 de dezembro de 1929, p.3) Ribeiro Filho começa a debater o tema. Nesta mesma edição da revista nas páginas 33 e 34 começa a publicar a coluna. Os textos da coluna seguem como uma forma de réplica a uma mulher, Isa de Hugomar, à qual Ribeiro Filho descreve como “A <leitora revoltada> de Ribeirão Preto [...]” Cf. CARETA, 11 de abril de 1931, p. 38. Isa de Hugomar responde a Ribeiro Filho em um texto publicado na coluna em 8 de fevereiro de 1930 Cf. CARETA, 8 de fevereiro de 1930, p. 35. E fala sobre a condição da mulher em “Uma oferta” também publicado na revista em 14 de junho de 1930 Cf. CARETA, 14 de junho de 1930, pp. 24-25. Hugomar assina seus textos colocando também o local, Santos, e a data.

²¹A sessão foi renomeada depois para “De alguns verbos com significação feminina” em 16 de janeiro de 1932.

De janeiro a dezembro de 1932, Ribeiro Filho publica na revista verbetes para um dicionário de política. A sessão com tais verbetes teve seu título alterado mais de vinte vezes. Entre os mais duradouros, estão: “Extractos de uma enciclopedia política” e “Contribuição vocabular para organização de um lexico político de emergência”. Os verbetes eram sarcásticos, ironizando a política e o jogo político numa estratégia de crítica pelo humor.

No mesmo ano, em dezembro, começa a publicar verbetes para um dicionário de inglês-português com o título “Notas para um dicionário inglez portuguez de uso dos intermediários”. Assinava essa sessão com os pseudônimos Big-Boy e E. Riefe. Termina de publicar os verbetes desse dicionário em outubro de 1933. Seu último projeto de dicionário na *Careta* foi um de crítica de costumes, intitulado “Notas enciclopedicas sobre o luxo e a moda”, a publicação dos verbetes começou em novembro de 1933 e terminou em março de 1934.

Publicou alguns textos por partes, cujas continuações eram distribuídas ao longo de diversas edições da revista, como: “Nova arte de conquistar as damas” (1920), “Para primar na vida (Prolegomenos de philosophia e de arte singular)” (1920), “A escolha de Profissão (Conselhos praticos)” (1920), “Academia dos Altos Estudos (Curso de Humanidades)” (1920), “A iniciação jornalística (curso especial para candidatos a mentores da opinião)” (1921) e “A arte de ser um bom cidadão (Conselhos praticos addicionaes ao Breviario Civico)” (1922).

Em muitos números da revista, podem ser encontradas algumas citações do escritor e pequenos textos sem título, o que se pode caracterizar como as “notas avulsas” mencionadas por Astrojildo Pereira. Domingos Ribeiro Filho deixou, nas páginas da *Careta*, uma grande quantidade de crônicas, inclusive nos editoriais que assumiam tal formato literário. Nessas crônicas, registrava suas impressões sobre o cotidiano. Comentou a questão do voto feminino, a vida literária, a carestia da vida, o processo da Revolução de 1930, o feminismo, o cangaço, a economia, entre outros temas. E, em algumas das crônicas, é possível encontrar marcas de uma tradição libertária.

A crônica como *literatura útil*

O gênero literário da crônica foi bastante difundido no início do século XX e eram muito presentes em jornais e revistas, auxiliando na construção de um imaginário de modo a possibilitar a abordagem de muitos assuntos. A crônica tem como objetivo

registrar o circunstancial e é marcada por um diálogo entre jornalismo e literatura. Com seu lirismo reflexivo, o cronista capta um instante que faz parte da vida humana e o torna um núcleo estruturante de sua narrativa relacionando o acontecimento do cotidiano com suas reflexões. Desse modo, a sensibilidade do cronista possibilita provocações de outras visões sobre um mesmo tema, ele percebe o instante e lhe dá uma interpretação (VALENTE JÚNIOR, 2015, p. 45, 47; SÁ, 1992, p. 7, 11).

É um gênero ambíguo, cujo texto fornece o testemunho de um tempo vivido pelo cronista. Uma das funções da crônica é ensinar o leitor a ver mais longe, além do factual, e sua estrutura procura alcançar uma empatia com o leitor. Além disso, a crônica oscila entre o real e o imaginado, ultrapassa os limites do factual percebido por todos na medida em que insere suas reflexões, aprofundando os significados de fatos do cotidiano (SÁ, 1992, p. 28, 44, 56, 71, 74).

Os romances produzidos por Ribeiro Filho eram marcados pela crítica social e de costumes e pela difusão de algumas ideias anarquistas; em certas crônicas de sua autoria, essa sensibilidade e subjetividade ideológica também aparecem. Manuel Curvelo de Mendonça, livre pensador, não necessariamente anarquista, também foi identificado com a nova literatura. Uma literatura de cunho social que então desabrochava, formando com Ribeiro Filho e Fabio Luz um grupo de escritores libertários da época. Autor do romance *Regeneração*, em seu texto publicado no livro *O momento literário* de João do Rio²², descreveu a literatura que produzia como “[...] uma literatura útil, quero dizer, um exercício intelectual aplicado às necessidades sociais [...]”²³ (MENDONÇA, 1908[?], p. 154). Confessou ser apaixonado pelas ideias que colocou no romance e define sua literatura “[...] como um instrumento de ação social [...]” (MENDONÇA, 1908[?], p.158).

Essas características da *literatura útil* passaram a definir os textos literários que se propunham a difundir as “[...] modernas doutrinas sociais [...]” (MENDONÇA, 1905, p. 272), identificadas com o “[...] anarquismo e as diversas seitas socialistas [...]” (MENDONÇA, 1905, p. 272). O termo não ficou restrito somente à obra de Curvelo de Mendonça e correspondia a um “gênero literário” que estava se consolidando, cujos

²² *O momento literário* trata-se, na verdade, de um inquérito realizado por João do Rio a diversos literatos do começo do século XX. Este inquérito foi feito através de entrevistas enviadas por cartas aos literatos da época e publicado, de forma incompleta na *Gazeta de Notícias*. E posteriormente tomou a forma de livro. Cf. GAZETA DE NOTÍCIAS, 12 de março de 1905, p. 1; GARNIER, H. Nota. In: RIO, João do. **O momento literário**. Rio de Janeiro: H. Garnier, 1908[?]. Disponível em: <https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/1977>. Acesso em: 10 ago. 2019.

²³ Para a melhor compreensão do texto optou-se por atualizar a grafia original.

textos deveriam guiar os leitores para uma mudança de comportamentos necessários à revolução e à construção da sociedade ácrata. Portanto, tal literatura libertária tinha caráter educativo e pragmático (LEAL, s/d, p. 1), ela deveria repercutir o “[...] sopro das preocupações sociais” (MENDONÇA, 1905, p. 275). E mesmo divulgar o ideário anarquista, pois era necessário que o leitor tivesse conhecimento e tomasse consciência da realidade em que estava imerso. Acreditava-se, portanto, no poder da palavra escrita como estratégia de propaganda anarquista, organização do movimento, formação de novas subjetividades (CHALMERS, 2017, p. 43).

Na literatura libertária, o gênero que melhor serviu às intenções do movimento foi o conto e o relato breve – que incluía o depoimento, as fábulas, os diálogos dramatizados, a crônica etc. A narrativa libertária era marcada pelo registro da opressão cotidiana o que fazia da palavra um instrumento de luta e resistência (LEAL, s/d, p. 4). Domingos Ribeiro Filho publicou na revista *Careta* alguns contos e muitas crônicas, a revista possuía grande circulação e estas publicações do escritor podem ser vistas como uma estratégia. Isso porque a revista, embora não fosse uma publicação operária, tinha caráter popular e seus textos poderiam chegar a uma maior quantidade de leitores, os quais poderiam se identificar com sua escrita ou mesmo serem apresentados a uma outra forma de enxergar a realidade.

A crônica “A Máscara da Face” publicada em 10 de fevereiro de 1923 em sua coluna “Uma caretinha para todos” tece uma reflexão sobre as máscaras de carnaval, a liberdade humana e sobre a própria festa popular – algo comum na militância anarquista do final do século XIX e início do século XX. O discurso libertário buscava abranger todas as esferas da vida, havia a preocupação de se educar e organizar o operariado. Do final do século XIX até a década de 1930 os anarquistas propuseram formas de instrução, de relações afetivas e lazer para as classes operárias (CAVALCANTI, 1993, p. 23-24).

Esta não é a primeira crônica publicada na revista *Careta* em que Ribeiro Filho critica o carnaval; em 1920, a crônica “Carnaval e Filosofia” também teve essa função. Os anarquistas viam a festa popular como um espaço para a degradação do indivíduo, do gasto de energias e salários em atos nocivos e inúteis que embruteciam os trabalhadores (CAVALCANTI, 1993, p. 27). A crônica relata a aventura de dois amigos que vão participar do carnaval e acabam presos, mas por intervenção de alguns companheiros conseguem sair da prisão.

A partir do diálogo de dois amigos, o escritor aborda a falta de racionalidade dos dois que foram detidos por participarem do carnaval, afirmando que a festa popular

ocorria através da permissão do Estado e da religião e que tinha como objetivo divertir as classes mais abastadas da sociedade. Compara a condição das classes mais baixas à escravidão no que tange a ausência da liberdade e da emancipação social. A última fala de um dos amigos sintetiza a crítica do autor:

– Camarada, como todos esses desgraçados que vemos por aí de cara amarrotada e tosse seca, nós não nos divertimos absolutamente. O carnaval é uma estúpida ilusão dos vencidos da vida. Eles supõem que é possível reparar em três dias as perdas do ano inteiro em matéria de alegria que é a única fortuna dos homens sobre a Terra. Tristíssimo engano! Os desgraçados obtêm da religião e do estado uma licença especial de fazer tudo quanto puderem para divertir os ricos e os enfasiados dos prazeres mundanos. Estes, os felizes, não precisam de carnaval, folgam o ano inteiro uns com os outros. E como querem algum prazer novo, um espetáculo gratuito oferecido pela estupidez e pela baixeza humana, arranjou um carnaval para os escravos, abrem as senzalas e saltam os encarcerados do trabalho e as vítimas da fome. Eles, os ricos, ficam nas sacadas e nos automóveis vendo o desfile da macacaria infrene. Estão se divertindo. Os outros, nós, estamos divertindo os nossos senhores. D.R.F. [Domingos Ribeiro Filho]. Carnaval e Filosofia. (CARETA, 3 de julho de 1920, p. 4).

Em “A Máscara da Face” Ribeiro Filho se mostra mais lírico do que em “Carnaval e Filosofia”. Tece uma reflexão acerca da liberdade humana, seu tom é diferente, pois, seu objetivo é pensar a emancipação moral partindo da observação das máscaras usadas no carnaval e não apenas criticar a festa popular. Essa crônica, portanto, é marcada por um lirismo reflexivo, aliando emoção e reflexão. Ademais, em todo cronista há certo lirismo, pois, por meio de seus estados de alma, traçam suas observações (SÁ, 1992, p. 13, 57):

Uma caretinha para todos

A Máscara da Face

Ver através da máscara da face não é tão difícil assim. A caraça humana jocunda ou funesta é o pequeno enigma que se resolve pelo avesso. Esta jovial, oculta uma calamidade, e aquela, funeral e saturnina, envolve uma esperança. O jogo é fácil; todos nós forcejamos para nos enganar a mais ampla reciprocidade. Com que fim? A vida responde a tudo.

Quando a gente vê a mascarada descabelada que campeia e ulula pela cidade tem vontade de sorrir desse surto pretensioso de uma ingenuidade que vai morrer. A máscara já não é a mais necessária; tudo se faz hoje e tudo se diz sob responsabilidade da cara raspada. E quanto possamos a desvendar a quem não nos conhece não causa mais surpresas nem vexames. É que a sociedade nos tornou ao mesmo tempo indulgentes e descarados.

A máscara sobre a máscara é como o luto sobre um negro; não adianta e apenas salienta a hipocrisia das convenções caídas. Se adiantasse, a permissão do uso da máscara não duraria três dias de carnaval, mas o ano todo. O carnaval perderia o seu caráter de festa católica para ficar vulgaridade democrática. Os estranhos papéis são representados fora dos três dias que precedem o adeus à carne, e é sob a proteção da máscara da face que cada qual nega e renega a sua ambição e a sua vaidade.

Há algumas que são lindas e outras que são de arrepiar, mas tanto umas como outras encaram apenas as necessidades fundamentais da vida, isto é, o pão e o amor. A que chora é como a que ri, a que insulta é como a que perdoa, a que

desafia é como a que se submete, desde, já se vê, que haja em frente um pedaço de pão que se despreza ou que se conquista, contanto que o amor acene de longe uma promessa ou uma recusa. Eis o pequeno enigma aclarado.

Por que, então, o carnaval? É preciso dissimular a comédia; é necessário que a ela se refiram gestos e feitos do dia a dia. O carnaval responde pelo que falta à coragem comum de viver pela defesa ou pelo ataque de todos contra todos. E, porque não seria racional, que ele fosse uma permissão de homicídios e massacres, fazem-no alegre, de nariz vermelho, licencioso e vão.

A máscara da face vem de uma longa e lenta formação, porque a vida é áspera sobre a terra avara. O medo e a ignorância nos ajuntam numa sociedade onde aquelas fraquezas originais fazem-se mais vivas e mais cruas. O remédio se torna assim pior que o mal. Quando isso se verifica, depois que todos nós nos sentimos incapazes de retroceder, a máscara se fixa irreparavelmente sobre a face e o carnaval diuturno toma conta da vida. Ora, o homem é orgulhoso, presumido de suas infinitas possibilidades e jamais confessa os erros que o derrotam. Então, o que é do dia a dia da sua vida coletiva ele resume num período exponencial e formalístico, que é o carnaval.

Sobre a máscara da face põe a de papelão, mas atrás de ambas está o mesmo macaco sábio cuja suprema perfeição consiste apenas em saber viver à custa dos outros macacos. Tira uma e fica a outra; teve a ilusão de haver dissimulado uma comédia que recomeça impávida e incorrigível. Eis aí a história violenta e cara a cara. Nos acessos do riso eventual, mudada a velha expressão de ansiedade ou de medo, a máscara da face é o método da falsa posição que resolve problemas absurdos. RIBEIRO FILHO, Domingos. Uma caretinha para todos (CARETA, 10 de fevereiro de 1923, p.14-15).

Primeiro, o autor reflete acerca do comportamento humano revelado pelo uso da máscara, diz que enxergar a realidade que uma pessoa esconde por trás de uma máscara não é algo difícil. Máscaras alegres podem disfarçar a tristeza, e máscaras tristes podem omitir a alegria, a suma é que todos se esforçam para ocultar algo de si. Em seguida, Ribeiro Filho passa à observação das máscaras usadas no carnaval, reflete que seu uso revela ingenuidade, pois, aparentemente, a vida em sociedade torna as pessoas sinceras em suas ações e intenções, mas até mesmo essa atitude poderia ser uma espécie de máscara.

Em seguida, o autor diz que o uso de uma máscara material por cima de uma máscara moral (a máscara da face) de nada adianta, mas apenas reforçava o caráter decadente das convenções sociais. Se o uso da máscara no carnaval adiantasse de algo – ou seja, realmente proporcionasse alguma libertação para o indivíduo – a permissão de seu uso seria estendida para todo o ano. Ribeiro Filho também critica o status da festa popular evidenciando o caráter católico de tal evento. Ressalta que os rostos por trás daquelas máscaras enfrentam as dificuldades da vida, que se resumem no “pão” e no “amor” – o alimento e o afeto, este seria o primeiro enigma sobre a vida que o autor desvenda em sua crônica. Dessa forma, não haveria distinção entre os mascarados, pois todos os que estão por trás de tais máscaras enfrentavam os mesmos dilemas.

O autor questiona o porquê da necessidade do carnaval e responde: a festa popular serviria para disfarçar a comédia. Faziam dela algo alegre, sem de fato o ser, era apenas

algo “licencioso”, “vão” e vazio. Menciona que o carnaval é uma espécie de escape, uma forma de se esquecer das durezas da vida; um espaço para a prática de crimes. Essa questão dos crimes aparece também em “Carnaval e Filosofia”, pois os dois amigos que decidem participar da festa “[...] acabaram na quarta em um xadrez da Gávea, de onde saíram por intervenção de vários amigos” (CARETA, 3 de julho de 1920, p. 4).

Para ocultar essa realidade, segundo o cronista, fazem com que a festa pareça alegre e engraçada. Ao dizer que o carnaval é algo vão, o autor demonstra afinidade com a crítica libertária acerca da festa. A ideia de o operário participar de uma festa sancionada pelo Estado e pela Igreja Católica e que não tinha o menor objetivo de emancipá-lo, mas de diverti-lo – distraí-lo – era censurada pelos libertários.

Depois, o autor retoma a abordagem da máscara da face, diz que ela tem uma longa formação advinda das dificuldades da vida. Sem que se perceba, essa máscara se fixa no rosto de um indivíduo, e a vida passa a ser um carnaval, que, para os anarquistas, era um espaço para a degradação pessoal, para o uso das energias e dinheiro em atos prejudiciais e sem valor. Ribeiro Filho, em “Carnaval e Filosofia” define-o como “uma ilusão dos vencidos na vida”. A fixação da máscara da face possibilita uma vida de ilusão em que não haveria liberdade. Durante o carnaval, outra máscara se colocaria por cima da máscara da face, mas por trás de ambas está um indivíduo iludido e preso a uma falsa posição – uma falsa postura de ser e viver.

Em suma, em “A Máscara da Face” Ribeiro Filho tece não apenas uma crítica ao carnaval, mas também uma crítica de costumes. Denuncia a dissimulação humana apresentando a figura da “máscara da face” que seria uma falsa posição na vida, uma forma de tentar viver através de um status comportamental. No entanto, essa forma de viver por meio da máscara se torna uma ilusão na medida em que prende o indivíduo a convenções sociais, a uma situação de encenação e performance.

Nessa crônica, pode-se observar o alinhamento do autor com ideais libertários, não somente no que tange à oposição ao carnaval, mas também ao criticar os costumes e o comportamento humano apontando para o que aprisiona. A crônica pode ser vista como uma *literatura útil*, pois, estava comprometida com as necessidades da sociedade, como por exemplo, a emancipação moral, tema tratado na crônica.

O que deve ser notado é que a moral anarquista não permitia aos militantes produzir qualquer atividade cultural movidos pelo simples objetivo de entreter ou oferecer formas de lazer. Era uma constante na dinâmica social vivida pelos anarquistas que suas atividades culturais fossem revestidas de um sentido político, voltado para a

mobilização das energias humanas na direção da resistência e da luta pela construção de um mundo outro, pleno de possibilidades. Por isso, como afirmava Kropotkin, o homem não podia aceitar nenhuma forma de subordinação do ser; a revolta deveria ser a sua lei.

Considerações finais

Diante do exposto, pode-se notar que a participação do escritor libertário Domingos Ribeiro Filho na revista *Careta* foi vasta e variada. Parte da obra derivada dessa participação possui afinidade com ideais libertários – desse modo, tais textos na revista podem ser vistos como uma estratégia de divulgação dos ideais ácratos. Ademais, a crítica social e a de costumes também se mostram presentes nestes escritos. Em muitos deles, o autor tem como temas objetos que foram muito presentes em seus romances como o amor e a mulher, alimentando, desse modo, o debate e a difusão do projeto de transformação social, moral e sexual dos libertários nos primeiros anos de vida republicana.

Diferente da sua escrita na imprensa operária e libertária, os textos na revista enveredam por uma linguagem mais sutil quanto à identificação com as ideias libertárias. Pode-se inferir que os escritos na revista tinham um objetivo maior de despertar as consciências dos leitores primeiramente. Isto pode ser visto nos seus projetos de dicionários, os quais buscavam instruir pelo humor, ou seja, por meio do riso levar à reflexão. Prezava relatos breves, como os contos, crônicas, verbetes, textos curtos e frases com pensamentos. A brevidade dos textos não significava escassez de ideias, mas uma forte capacidade de síntese.

Em suma, a obra literária de Domingos Ribeiro Filho publicada na revista *Careta* pode nos fornecer muitas informações sobre o contexto da Primeira República e início do governo de Getúlio Vargas na década de 1930. Ademais, seus escritos auxiliam na compreensão da vida cultural e social carioca, bem como dos contornos da cultura libertária que se desenvolveu nas duas primeiras décadas do século XX. Portanto, a literatura produzida pelo escritor fornece representações da realidade na qual estava inserido.

A LIBERTARIAN VOICE IN THE CARETA MAGAZINE: DOMINGOS RIBEIRO FILHO AND THE CHRONICLE AS USEFUL LITERATURE

Abstract: The present article approaches the libertarian literature produced by Domingos Ribeiro Filho (1875-1942) at the humoristic magazine *Careta*. This writer, although having produced texts to the libertarian and operarian press and to the great press, has a wide literarian work that integrates novels, tales, theatrical critical, chronicles and other types of texts. His collaboration at the *Careta* magazine as its articulist and later as its editor has also been varied and extensive. In lots of his writings published in the magazine it can be perceived critical to the politics and to the behaviors of the epoch, like an alignment with libertarian ideals and projections of more free forms of living.

Keywords: Libertarian literature. Careta magazine. Chronicle. Domingos Ribeiro Filho.

Referências

Fontes

ALMANAK HENAULT, Rio de Janeiro, 1909. (BN Digital)

ALMANAQUE BRASILEIRO GARNIER, Rio de Janeiro, 1905. (BN Digital)

GAZETA DE NOTÍCIAS, Rio de Janeiro, 1905. (BN Digital)

TRIBUNA POPULAR, Rio de Janeiro, 1945. (BN Digital)

CARETA, Rio de Janeiro, 1911-1931. (BN Digital)

FON-FON! SEMANARIO ALEGRE, POLÍTICO, CRÍTICO E ESFUSIANTE, Rio de Janeiro, 1907-1911. (BN Digital)

Livros de época

GARNIER, H. Nota. In: RIO, João do. **O momento literário**. Rio de Janeiro: H. Garnier, 1908[?]. Disponível em: <https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/1977>. Acesso em: 10 ago. 2019

MENDONÇA, Manuel Curvelo de. Curvelo de Mendonça. In: RIO, João do. **O momento literário**. Rio de Janeiro: H. Garnier, 1908[?]. Disponível em: <https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/1977>. Acesso em: 10 ago. 2019.

Bibliografia

AQUINO, Gustavo Ramus. **Anarquismos, cristianismo e literatura social no Brasil (1890-1938)**. 2011. p. 128-131. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais), Pontifícia

Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2011. Disponível em: <https://sapientia.pucsp.br/bitstream/handle/3306/1/Gustavo%20Ramus%20de%20Aquinio.pdf>. Acesso em: 2 jul. 2018.

BARBOSA, Francisco de Assis. **A vida de Lima Barreto**. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1952.

CARETA. In: **Dicionário Histórico-Biográfico da Primeira República**. Rio de Janeiro: Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil da Fundação Getúlio Vargas (CPDOC-FGV), 2010. Disponível em: <https://cpdoc.fgv.br/sites/default/files/verbetes/primeira-republica/CARETA.pdf>. Acesso em: 21 jun. 2019.

CAVALCANTI, Jardel Dias. As práticas condenáveis. In: **Os anarquistas e a questão da moral (Brasil 1889/1930)**. 1993. Monografia apresentada ao curso de História da Universidade Federal de Ouro Preto como parte dos requisitos para obtenção do grau de Bacharel em História – Instituto de Ciências Humanas e Sociais. Universidade Federal de Ouro Preto, Mariana. Disponível em: https://lph.ichs.ufop.br/sites/default/files/lph/files/jardel_dias_cavalcanti.pdf?m=1525724425. Acesso em: 28 set. 2018.

CHALMERS, Vera. **Escritas libertárias**. São Carlos: EdUFSCar, 2017.

CHARTIER, Roger. História e Literatura. **Revista Topoi**. Rio de Janeiro, v. 1, n. 1, p. 197-216, 2000. Disponível em: http://www.revistatopoi.org/numeros_anteriores/Topoi01/01_debate01.pdf. Acesso em: 5 ago. 2019.

GRALHA, Fernando. A época, a cidade e o fotógrafo. In: **A Belle Époque carioca: Imagens da modernidade na obra de Augusto Malta (1900-1920)**. 2008. 162 f. Dissertação (Mestrado em História) – Instituto de Ciências Humanas e Letras, Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora. Disponível em: <http://www.ufjf.br/ppghistoria/files/2009/12/Fernando-Gralha.pdf>. Acesso em: 4 jul. 2018.

GUIMARÃES, Lúcia Maria Paschoal. Paradoxos da Belle Époque tropical. In: **COLÓQUIO INTERNACIONAL A BELLE ÉPOQUE BRASILEIRA**. 2012, Lisboa. **Atas...** Lisboa: Centro de Literaturas e Culturas Lusófonas e Europeias (CLEPUL), 2013, p. 163-177. Disponível em: http://www.lusosofia.net/textos/20130604-atas_belle_epoque.pdf. Acesso em: 2 jul. 2018.

LAMARÃO, Sérgio. As revistas ilustradas como fonte para a história da cidade do Rio de Janeiro. **Revista do Arquivo Geral da cidade do Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro, n.6, p. 129-143, 2012. Disponível em: http://wpro.rio.rj.gov.br/revistaagcrj/wp-content/uploads/2016/11/e06_a13.pdf. Acesso em: 4 jul. 2018.

LEAL, Claudia F. B. “Literatura útil”: Um estudo sobre três textos de ficção libertária 1900-1902. **Projeto Memória de Leitura: Ensaios de pesquisadores**. Campinas: Instituto de Estudos da Linguagem (IEL), s/d. Disponível em: <https://www.unicamp.br/iel/memoria/projetos/ensaios/ensaio25.html>. Acesso em: 4 ago. 2019.

LINS, Vera. Em revistas, o simbolismo e a virada do século. In: OLIVEIRA, Cláudia de, VELLOSO, Mônica Pimenta, LINS, Vera. **O Moderno em revistas: Representações do Rio de Janeiro de 1890 a 1930**. Rio de Janeiro: Garamond/FAPERJ, 2010.

MARTINS, Angela Maria Roberti. Letras (Im)pertinentes: a literatura na militância libertária de Domingos Ribeiro Filho (Rio de Janeiro, 1900-1934). In: CALÍGRAFO. 2010, Seropédica. **Anais...** Seropédica: Colegiado de Letras da UFRRJ, 2011, p. 1-11. Disponível em: <http://www.ufrj.br/graduacao/prodocencia/publicacoes/caligrafo/artigos/caligrafo.pdf>. Acesso em: 12 jun. 2019.

MARTINS, Angela Maria Roberti, KAUSS, Vera Lucia Teixeira. A questão da moral no romance libertário *O Cravo Vermelho*, de Domingos Ribeiro Filho (1907). **Revista Eletrônica do Instituto de Humanidades**, Duque de Caxias, v. 16, n. 42, p. 16-37, segundo semestre de 2016, 2016. Disponível em: <http://publicacoes.unigranrio.edu.br/index.php/reihm/article/view/4624>. Acesso em: 12 set. 2019.

MARTINS, Angela M. Roberti. Domingos Ribeiro Filho: literatura e espírito libertário na *Belle Époque* carioca. In.: AZEVEDO, André Nunes de. **A cidadela das letras: história e literatura no Rio de Janeiro da virada do século XIX ao XX**. Rio de Janeiro: Estudos Americanos, 2019. pp. 210-241.

MENDONÇA, Sônia Regina de. Estado e sociedade: a consolidação da República oligárquica. In: LINHARES, Maria Yedda (org.) **História Geral do Brasil**. 10 ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2016.

MIR Y MIR, Juan. Prologo. In: **DINAMITA cerebral**: antologia de los cuentos anarquistas mas famosos. Barcelona: Icaria Editorial, s/d.

_____. Prologo. In: **DINAMITA cerebral**: Los mejores cuentos anarquistas de los más famosos autores. 2 ed. Buenos Aires: Distribuidora Baires S. R. L., 1974. (Coleccion Pepeles com Tinta).

NOGUEIRA, Clara Asperti. Revista Careta (1908-1922): símbolo da modernização da imprensa no século XX. **Miscelânea**: Revista de Pós-Graduação em Letras. Assis, v.8, p. 60-80, jul.-dez. 2010. Disponível em: <http://www.assis.unesp.br/Home/PosGraduacao/Letras/RevistaMiscelanea/v8/clara.pdf>. Acesso em: 2 jul. 2018.

NUNES, Diogo. História, Literatura e Subjetividade. In: EWALD, Ariane P. (org.) **Subjetividade e Literatura**: harmonias e contrastes na interpretação da vida. Rio de Janeiro: Nau, 2011.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. História & literatura: uma velha história. **Nuevo Mundo Mundos Nuevos**, 2006. Disponível em: <https://journals.openedition.org/nuevomundo/1560>. Acesso em: 4 ago. 2019.

PROENÇA FILHO, Domício. **A Linguagem Literária**. São Paulo: Editora Ática, p. 5-15, 1986. (Coleção Princípios, 49)

SÁ, Jorge. **A Crônica**. 4. ed. São Paulo: Editora Ática, 1992. (Coleção Princípios, 5)

SANTOS, André Luiz dos. A literatura de Domingos Ribeiro Filho. In: **Caminhos de alguns ficcionistas brasileiros após as Impressões de Leitura de Lima Barreto**. 2007. Tese (Doutorado em Letras – Literatura Brasileira) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro. Disponível em: <http://www.letras.ufrj.br/posverna/doutorado/SantosAL.pdf>. Acesso em: 10 fev. 2010.

SODRÉ, Nelson Werneck. **História da imprensa no Brasil**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, p. 330-370, 1966.

VALENTE JÚNIOR, Valdemar. Literatura e jornalismo: João do Rio e a Belle époque carioca. **Macabéa**: Revista Eletrônica do Netlli. Crato, v.4, n.1, p. 45-56, jan-jun, 2015. Disponível em: <http://periodicos.urca.br/ojs/index.php/MacREN/article/view/971>. Acesso em: 2 jul. 2018.

VELLOSO, Mônica Pimenta. A modernidade carioca na sua vertente humorística. **Estudos Históricos**. Rio de Janeiro, v. 8, n. 16, p. 269-278, 1995. Disponível em: <http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/2609>. Acesso em: 10 ago. 2019.

_____. As modernas sensibilidades brasileiras. **Nuevo Mundo Mundos Nuevos**, 2006. Disponível em: <https://journals.openedition.org/nuevomundo/1560>. Acesso em: 4 ago. 2019.

_____. As distintas retóricas do moderno. In: OLIVEIRA, Cláudia de, VELLOSO, Mônica Pimenta, LINS, Vera. **O Moderno em revistas**: Representações do Rio de Janeiro de 1890 a 1930. Rio de Janeiro: Garamond/FAPERJ, 2010.

_____. Cafés, revistas e salões: microcosmo intelectual e sociabilidade. In: **Modernismo no Rio de Janeiro**: turunas e quixotes. Petrópolis: Editora KBR, 2015. Disponível em: https://www.academia.edu/21626478/Modernismo_no_Rio_EBOOK_de-CSP_Proof-05-16-15_PDF. Acesso em: 15 jun. 2019.

SOBRE AS AUTORAS

Angela Maria Roberti Martins é doutora em História pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC/SP); professora adjunta da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ).

Mariana da Silva Rodrigues de Lima é graduanda em História pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ); bolsista de Iniciação Científica da FAPERJ.

Recebido em 31/10/2019

Aceito em 27/03/2020